

[ENTREVISTA]

Perdidos na intensidade da multidão: uma entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht

Lost in the crowd's intensity: an interview with Hans Ulrich Gumbrecht

Marcio Telles

Professor Assistente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Curitiba, Brasil. E-mail: tellesjornal@gmail.com

No início de outubro, milhares de quilômetros de distância, tivemos a oportunidade de conversar com o Professor Hans Ulrich Gumbrecht, ou Sepp, como prefere ser chamado. Crítico literário e teórico cultural de renome mundial, Sepp recentemente aposentou-se da Universidade de Stanford, onde lecionou por mais de trinta anos. Mas segue suas pesquisas e estudo como professor honorário daquela Universidade, além de rodar o mundo lecionando aulas especiais, como recentemente o fez em Curitiba. Entre uma aula e outra, encontra tempo para seu passatempo favorito: sentar-se na arquibancada do Stanford Stadium, em Palo Alto, Califórnia, para assistir ao time de futebol americano da Universidade.

Sepp é autor de numerosos livros e artigos sobre literatura, cultura e a história das ideias, e sua obra foi traduzida para vários idiomas. É mais conhecido no Brasil, sobretudo na área de Comunicação, por seu trabalho sobre o conceito de “presença”, que ele define como a sensação de estar direta e imediatamente envolvido com uma pessoa, objeto ou evento. Sepp explora o papel da presença em nossa experiência da literatura, da arte e da vida cotidiana. O conceito é passagem obrigatória para outro termo importantíssimo para a área: “materialidades da comunicação”. Em seu livro *Elogio à Beleza Atlética*, Sepp explora a estética do esporte e do corpo humano em movimento, tema que ele expande em seu livro mais recente, *Crowds: The Stadium as a Ritual of Intensity*.

Na entrevista realizada de maneira remota, imbricados na materialidade digital, exploramos a paixão de Sepp pelos esportes, o papel da presença na experiência do torcedor, as diferenças entre assistir ao esporte fisicamente no estádio e de maneira mediada, as origens de suas ideias a respeito de presença e o “grão da voz”, seu novo

interesse de pesquisa. Gumbrecht, ou Sepp, foi muito gentil em ceder seu tempo para conversar conosco. Esperamos que apreciem essa troca tanto quanto nós a apreciamos.

REVISTA INTERIN - *Li recentemente o seu último livro, “The Crowd” (GUMBRECHT, 2021), e tive a sensação de que você caminha em outra direção em relação àquela traçada em “Elogio da Beleza Atlética” (GUMBRECHT, 2007). Em “Elogio...” você parece seguir o caminho de uma crítica estética do esporte, nos dando pistas para pensar o esporte dentro de sua própria esfera de significação e de presença. Tive a sensação de que em “The Crowd” você pretende fazer não uma crítica intelectual da experiência de assistir aos esportes, mas uma abertura para outro tipo de experiência, a de fazer parte da construção do momento esportivo, pois a torcida faz parte da “ambiência”, outro termo que você usa em seu trabalho. Como você enxerga a relação entre esses dois livros?*

Sepp Gumbrecht - Na realidade, se você me perguntar pessoalmente que esportes eu gosto de assistir, a resposta vai ser sobretudo o futebol e o futebol americano, mas geralmente não aqueles esportes cuja exibição é explicitamente estética, como a ginástica artística, mesmo quando existem excelentes grupos como a equipe de ginástica aqui de Stanford ou a equipe feminina norte-americana. Mas eu raramente iria a estes esportes. A tese básica do primeiro livro é que aquilo que me atrai no esporte é, obviamente, a experiência estética. Quero mostrar que os esportes cumprem todos os requisitos da experiência estética apresentados por Kant em sua terceira crítica. Por exemplo, aquela semifinal da Copa de 1970 no México, em que a Alemanha perdeu de forma dramática para a seleção da Itália. É óbvio que sofri porque meu time não ganhou, mas dias depois eu já considerava aquele um dos melhores jogos que assisti na vida. Não apenas eu. Até hoje há uma placa no estádio da Cidade do México em celebração ao que se considera o melhor jogo de futebol de todos os tempos. Obviamente, é duvidoso se foi ou não o melhor. Mas é o que quero dizer: houve ali uma experiência estética muito forte. Nesse sentido, o livro fala desde o ponto de vista da recepção, pois descreve o objeto e o que ele faz com você. E é claro, há experiência estética até para as torcidas. As torcidas odiariam falar sobre

experiência estética, afinal, para elas tanto faz. Mas eu acho que o tipo de experiência mais popular das torcidas é a estética.

Como você disse, em “The Crowd”, a coisa que me fascina é a experiência do estádio. Para mim, assistir a um jogo na televisão ou no estádio são experiências diferentes. É muito evidente que você assiste de forma muito mais analítica na televisão. Para mim, estar no estádio, em meio a uma torcida, na sua cidade, é uma coisa diferente.

Entendo a torcida como uma sociabilidade, mas uma sociabilidade diferente daquela descrita na sociologia, de um grupo que existe graças a um saber social e/ou motivações políticas compartilhadas. Quando falamos do proletariado e de revoluções como a de Outubro na Rússia, muitas vezes não levamos em conta suficientemente os corpos dos revolucionários. Quando estou em meio a uma torcida no estádio, a dimensão existencial mais importante é o corpo. Por isso que, nesse segundo livro, a tese básica é a ideia do corpo místico. Corpo místico seria o meu conceito para qualquer tipo de sociabilidade que necessariamente vai se referir ao corpo. Então, nesse sentido, os dois livros são complementares. Até serão lançados na Hungria como uma edição única.

REVISTA INTERIN - *Pegando o gancho do corpo místico, gostaria de ler um trecho de Nelson Rodrigues para você: “Lá fui eu me meter nas arquibancadas do Maracanã. Era uma das quase duzentas mil pessoas presentes. Aconteceu então que, imediatamente, perdi qualquer sentimento de minha própria identidade. Ali, tornei-me também multidão. Esqueci a minha cara, senti a volúpia de ser ninguém. Se, de repente, o povo começasse a virar cambalhotas e a equilibrar laranjas, e a ventar fogo, eu faria exatamente como os demais. E então eu senti que a multidão não só é desumana, como desumaniza. Lá estávamos eu e os outros desumanizados. Pouca diferença faria se, em vez de duzentas mil pessoas, fossem duzentos mil búfalos, ou javalis, ou hienas” (RODRIGUES apud CASTRO, 1997, p. 379). Seu livro mais recente me lembrou muito dessa passagem.*

Sepp Gumbrecht - (Risos). Muito boa a descrição, gosto muito dos irmãos Rodrigues. O que não gosto dessa passagem é a ideia de desumanizar. Claro que não! Essa experiência é uma dimensão da vida humana. Desumanizar é uma expressão negativa.

Uma coisa que você vai sublimando, quando está em uma torcida, é a sua subjetividade, a sua individualidade. Eu não penso em filosofia quando estou numa torcida. Nesse sentido, ao contrário de desumanizar, o que acontece na torcida é a ênfase em uma dimensão da existência humana que a gente atualmente corre o risco de perder na sociedade moderna, midiaticizada, remota. Veja esta nossa conversa aqui. Podemos trocar conceitos, ideias e argumentos, porém é bem claro que se a gente estivesse no mesmo espaço seria uma situação bem diferente. E a gente está correndo o risco de eliminar tal experiência. Por exemplo, o formato hoje em dia chamado híbrido no ensino brasileiro pressupõe que não existem diferenças entre uma participação remota e uma participação presencial. Mas, voltando, quando Rodrigues fala em “desumanizar”, ele está supondo que a única existência humana é aquela proposta por Descartes, uma existência espiritual de “ser eu”. Evidentemente, ele não quis dizer nada negativo quando fala em “desumanizar”, mas confirma um preconceito intelectual e faz com que você fale das torcidas a partir de um pressuposto negativo.

REVISTA INTERIN - *Rodrigues parece ainda preso a uma sociologia estilo Le Bon, Freud, Ortega y Gasset: a “multidão desumaniza”. Me parece que você faz o inverso: a “multidão humaniza”.*

Sepp Gumbrecht - É um tipo de pensamento sobre a multidão muito comum, que começa lá no século XIX, quando as pessoas bem estabelecidas na burguesia e na aristocracia achavam que as multidões eram perigosas. É uma visão completamente negativa que reverbera até entre intelectuais de esquerda. A multidão é muito positiva quando cria a Revolução Francesa e a Revolução de Outubro, pois são revoluções que os intelectuais de esquerda gostam e aprovam. Mas já, entre aspas, as “torcidas do Bolsonaro” seriam negativas porque você não gosta do Bolsonaro. Para estes intelectuais, as torcidas, qualquer uma, seriam “tipicamente” fascistas. Mas não é assim. Posso dizer para você que a torcida do Dortmund vota majoritariamente à esquerda, mas a sua existência no estádio não tem absolutamente nada que ver com uma posição política. O Flamengo tem uma torcida chamada Falange, cujo nome vem diretamente do fascismo espanhol, mas, mesmo nesse caso, eles não estão pensando em política. Seria um fenômeno interessante para estudar e descrever: pensar as condições políticas da torcida, mas não com uma visão moderna cartesiana de sujeito.

Para mim, a torcida é um caso de multidão. Em alemão não existe uma palavra própria para torcida. Se você fala “massa”, cai no pré-conceito da esquerda que as massas são sempre positivas. Eu quis encontrar um conceito com menos conotação política, por isso escolhi “*crowds*”.

REVISTA INTERIN - *Vou retomar o tema da mediação e sua relação com o corpo místico. Lembro de ler, mas infelizmente não lembro exatamente onde, a respeito da arquibancada como um lugar de comunhão temporária estabelecida entre os torcedores, potencializada pelos narradores e comentaristas de rádio. Na sua narrativa do corpo místico, essa mediação é desnecessária para o efeito da criação do corpo místico e da multidão. Por quê?*

Sepp Gumbrecht - Eu nunca levei nem levaria um rádio para o estádio. Em primeiro lugar, porque há a tentação de ouvir outro jogo. Posso estar em um estádio de futebol americano ouvindo um jogo de hóquei sobre o gelo. Gosto de me concentrar no jogo do estádio como se não existisse outra coisa para assim fazer parte da torcida. Imagino que as pessoas também usam o rádio para ter algum tipo de comentário falado sobre o jogo.

No livro “*Crowds*” eu falo sobre a transmissão de rádio de 1954 quando a Alemanha ganhou a sua primeira Copa do Mundo, contra a Hungria. Não tínhamos televisão ainda, então ouvi no rádio com minha família e com amigos dos meus pais. Foi o primeiro evento internacional esportivo da Alemanha depois da guerra e ela ganha, com um time semiamador. Foi muito importante historicamente. Para mim foi uma experiência diferente, pois eu não estava no estádio lá em Berna. Há uma transmissão da final de 1954 que é superfamosa na Alemanha, de um radialista chamado Zimmerman. Ao final do jogo, ele diz que aquele momento era o final do pós-guerra para a Alemanha. A reação dessa geração – afinal, foram os participantes da guerra – tem pouco a ver com o que me interessa na torcida.

Estava pensando em outros exemplos. Quando vou a um jogo da Liga dos Campeões, por exemplo, costumo deixar o meu carro intencionalmente longe do estádio. Preciso daquele tempo de ir até ao estádio depois do jogo para que eu volte ao “normal”. Se eu dirigisse logo após sair do estádio seria muito perigoso, sabe. Quero dizer: você sai do jogo em um estado de euforia, uma intensidade poucas vezes vivida

fora de uma torcida. Talvez seja um pouco semelhante à intensidade que você atinge com o uso de drogas. Para voltar à pergunta: mesmo a experiência de ouvir à uma transmissão de um jogo importante como a vitória em uma final de Copa do Mundo é diferente do fenômeno que me interessa explorar.

REVISTA INTERIN - *Entendo. Imagino que o argumento de um ponto de vista da história das mídias iria pelo caminho de que a torcida é um fenômeno “criado” pelo rádio. Seria o rádio que teria levado as pessoas a estarem presentes no estádio. Uma presença que é sempre já mediada...*

Sepp Gumbrecht - Interessante. Como você sabe, todos os esportes de equipes são fenômenos muito recentes nos seus desenvolvimentos históricos. Não havia esportes de equipes na Antiguidade. Talvez alguma experiência ou outra, mas nada como nós conhecemos hoje. O futebol mesmo, eu diria, começa a se tornar realmente popular lá pela década de 1920. Nas Olimpíadas de 1924 e 1928, o futebol era o centro das atenções. Em 1930 surge o Campeonato Mundial de seleções, talvez porque o Comitê Olímpico não estava muito feliz com o destaque dado ao futebol frente aos outros esportes. Digo tudo isso porque, como você sabe, é na década de 1920 que o rádio também começa a se popularizar. Nunca havia pensado nessa ligação. Talvez a rádio tenha algo a ver com a necessidade de estar presente em um estádio, porque pela rádio não se pode ouvir nada, então se vai ao jogo. Interessante. Minha primeira reação a essa ideia seria “não, não”, mas agora, penso que é verdade, que há uma relação aí. Cronologicamente ela funciona, mas eu precisaria pensar mais a respeito.

REVISTA INTERIN - *Tem a televisão...*

Sepp Gumbrecht - Isso. Quando começaram as transmissões de televisão na Alemanha, a federação alemã de futebol proibiu as teletransmissões ao vivo, durante muito tempo. A alegação era que os estádios ficariam vazios. Mas hoje nós sabemos que o caso é o contrário: quanto mais televisão, mais ficam cheios os estádios. Mais do que nunca, eu diria! Isso pode ser pelo fato de termos cada vez menos eventos onde se experimentam corpos místicos. Então, talvez, estar no estádio cumpre um desejo existencial básico que é muito mais generalizado e que não se articula só no futebol e outros esportes de equipes.

REVISTA INTERIN - *Um reencantamento do mundo, como você chega a dizer no livro. Me chama a atenção que muitas pessoas buscam, se puderem pagar, os ingressos mais caros. Como se a experiência válida fosse aquela que é paga...*

Sepp Gumbrecht - Os ingressos mais caros em um estádio são as suítes vips. Você sabe que o meu time na Alemanha é o Dortmund. Acho que eles gostam de dizer que têm um torcedor que é professor de Stanford, porque eles sempre me dão ingressos para o jogo quando eu peço, só que eles me dão os ingressos da área vip. E eu não consigo me concentrar no jogo, mesmo estando com o presidente do Borussia Dortmund. Parece que na área vip eu não faço parte de uma torcida. É um evento social totalmente diferente. O que se sabe por pesquisa empíricas do Dortmund é que entre 20 e 25% das pessoas que estão assistindo no estádio o fazem não pelo jogo em si, mas pelo espetáculo da Parede Amarela [torcida organizada do Dortmund]. A Parede Amarela é interessante até quando o time joga mal, como nesta temporada. O espetáculo é a vivência de ver aquela parede de pessoas, de vê-las enquanto uma unidade. No último capítulo de “*Crowds*”, falo sobre o episódio em que um torcedor faleceu no estádio, no meio da Parede Amarela. E a Parede Amarela não cantou mais nada, até saíram do estádio faltando cinco minutos para o jogo acabar. É um fenômeno fascinante, até para pessoas que acham a Parede Amarela perigosa. É legal que algo assim ainda exista.

REVISTA INTERIN - *Na minha dissertação de mestrado, eu estudei as teletransmissões de futebol (TELLES, 2013). O que sempre me chamou a atenção no estádio é que as pessoas estão dispostas a pagar um ingresso caro para ter uma experiência muito parecida com a da televisão, sentando-se naquelas arquibancadas laterais. Para os especialistas do futebol, gente que vive disso, os melhores lugares são aqueles atrás dos gols, pois é possível ter uma visão geral da movimentação espacial das equipes. Mas estes ingressos costumam ser mais baratos, justamente porque não ofertam uma experiência parecida com a da televisão.*

Sepp Gumbrecht - Esses lugares que você está descrevendo são sempre ao lado de um cara que quer falar sobre a partida. Eu gosto de falar sobre futebol, mas no estádio não. Gosto de festejar um gol, gosto de celebrar, de cantar, de saltar. Mas de falar, não. Agora, você tem razão. Os ingressos considerados bons são esses em que a experiência

visual é muito semelhante de assistir ao futebol na televisão. E o comentarista é a pessoa que fica ao seu lado querendo falar o tempo todo. Mas quando eu falo de torcidas, falo de arquibancadas. Para mim, torcidas são arquibancadas.

REVISTA INTERIN - *Gostaria de te perguntar justamente sobre a televisão. Publiquei um texto (TELLES, 2015) no livro “Esporte e Mídia: Novas Perspectivas – A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht”, editado pelo Ronaldo Helal e pelo Fausto Amaro, em que comento sobre as possibilidades de pensar quais os fascínios da teletransmissão esportiva, e o quão diferentes estes seriam dos fascínios que você descreve da experiência estética esportiva no estádio. Nesse texto eu falo especificamente da cabeçada do Zidane em Materazzi, em 2006. No estádio, este foi um lance fugaz, durou pouquíssimos segundos e quase ninguém viu. Mas, na televisão, a experiência era de assistir a um filme de detetive: mostra Buffon [goleiro da Itália] com o dedo em riste, depois o auxiliar e, após, os jogadores de ambos os times sem entender o que está acontecendo. É só depois que a televisão vai resgatar um replay do lance. Penso que essa construção, por si, seja fascinante.*

Sepp Gumbrecht - O meu entusiasmo com o Zidane não tem a ver com a transmissão da televisão nem com a falação pós-jogo. A mim o que sempre marcou foi sua elegância. É mais difícil definir qual era o grande talento do Zidane do que de outros jogadores. Uma elegância que falta na minha vida corporal (risos). A primeira vez que assisti a Zidane no gramado foi por ocasião de uma final de Copa da França, no mesmo estádio da final da Copa de 1998 [Parc des Princes]. Assisti lá a Bordeaux versus Paris Saint-Germain, que à altura ainda não era rico. Ganhou o PSG por 2 a 1 graças a um brasileiro, o Raí. Mas o jogador fascinante daquela partida foi Zidane. Minha lembrança dele dessa partida é daquilo que chamo no livro de uma “atenção transitiva”. Quando o jogador quer chutar e você sente o impulso muscular na sua perna. Você quer realizar a mesma ação que ele. Aquele momento de estar lá, em uma torcida do Bordeaux, fazendo parte do que ele estava fazendo, envolto naquela atenção transitiva corporal. Essa é uma espécie de movimento lateral, em que você quer copiar aquilo que os outros torcedores estão fazendo. E todos têm o mesmo objeto intencional. A conexão com o objeto intencional é, sobretudo, impulso corporal.

REVISTA INTERIN - *Você acredita que exista uma diferença entre mediação e presença? Ou esse tipo de atenção transitiva ocorre também assistindo ao jogo na televisão?*

Sepp Gumbrecht - Olha, fazer filosofia é basicamente fazer distinções conceituais. Pode-se dizer que é bem diferente estar numa torcida, estar num bom lugar do estádio, estar na sala vip etc. Mas, para usar um termo em inglês, essas experiências “*overlap*” [se sobrepõem]. Basicamente, assisto na televisão a jogos que eu jamais assistiria no estádio. Vou ao estádio com torcidas famosas ou de times que eu gosto. A televisão talvez seja a versão mais intelectualizada, com todos os comentários, estatísticas, histórias, opiniões. Não tenho nada contra a televisão. A presença intelectualizada desumaniza? Claro que não! Mas é uma presença existencialmente diferente. Para mim, a experiência de estar no estádio e fazer parte de uma torcida não pode ser substituída pela televisão. E ao contrário, no estádio não há análise, história, estatísticas. São dois tipos de vivência muito diversas.

REVISTA INTERIN - *No “Elogio da Beleza Atlética” você dá um exemplo da televisão, em um ponto-chave: a história do nadador americano [Pablo Morales] que assistindo à uma velocista de atletismo na televisão, repara em seu rosto e começa a refletir sobre “estar perdido na intensidade concentrada” de um momento. É através da mediação que ele reflete sobre a falta de sentir aquela experiência e isso o leva a voltar a competir após a aposentadoria.*

Sepp Gumbrecht - Sim, maravilhoso. Isso pode acontecer, creio que sobretudo com atletas. Uma possibilidade de realmente se identificar [com o televisionado], no sentido mais pleno. Por exemplo, já assisti a filmes da corrida de 100 metros das Olimpíadas de 1936, realizada por aquele que considero o maior atleta de todos os tempos, Jesse Owens. Não havia dúvidas de que Owens ganharia, mas a maneira como ele ganhou, toda aquela graça... Quase pedindo desculpas por correr tão rapidamente. O meu pai estava naquele estádio, ele tinha 16 anos. A lembrança dele é diferente da lembrança de quem não assistiu no estádio. A sua lembrança é de uma intensidade, até física, que eu diria que é quase impossível de atingir de outra forma.

REVISTA INTERIN - *Sim. Creio que os esportes possuam essa peculiaridade de que nunca gostamos de assisti-los depois que aconteceram. O ao vivo é muito importante para o esporte.*

Sepp Gumbrecht - É muito diferente. A minha hipótese é que não se trata de saber quem vai ou não ganhar, mas da presença física, aqueles efeitos laterais e transitivos que você não pode ter por que a transitividade já está produzida pela câmera de televisão. É diferente você se concentrar no Zidane no estádio, por exemplo. Eu falaria em uma diferença elementar. É interessante que se a gente assiste a um jogo pela televisão, em um bar ou em um restaurante, na companhia de outras pessoas, existe algo ali que lembra a experiência do estádio. Nunca escrevi sobre isso, mas aquelas torcidas de 20, 30 pessoas, sobretudo no Brasil, em um bar de Ipanema ou Copacabana é quase uma “subarquibancada”. Por que você não assiste na sua casa? Não se paga nada! Eu acho que o desejo de assistir junto parte do impulso de fazer parte de algo – de uma torcida.

REVISTA INTERIN - *Guardada as proporções, obviamente, parece-me que focamos em nossos trabalhos em aspectos inversos do esporte. Como eu sempre experimentei mais o futebol pela televisão, lidei mais com essa modalidade de experiência. Naquele trabalho (TELLES, 2013), defendi a tese de que o que era importante para a televisão eram os momentos em que a bola efetivamente não estava em jogo. É nestes momentos em que a televisão esquece a bola e começa a preencher a tela com outras imagens, como o rosto do jogador, do craque, do treinador etc. Momentos de outra intensidade que se tornam narrativos. Relendo o seu trabalho, percebi que você também falou um pouco disso. Por exemplo, quando você diz sobre as diversas fases do futebol americano, a diferença entre estar parado e iniciar uma jogada que se acaba muito rapidamente. Esse movimento de fluxo me parece uma estrutura de todo esporte.*

Sepp Gumbrecht - O tempo de jogo puro de uma partida de futebol americano é 60 minutos. Mas do começo ao fim do jogo, são quase 4 horas de jogo. Nesse sentido, se poderia dizer que os esportes de time com *time-out* dão a oportunidade para que o treinador participe mais da partida. Ou do *quarterback*, no futebol americano. Nestes momentos, você pode pensar o jogo. O futebol americano é uma mistura entre

violência pura e um nível intelectual muito alto, quase como jogar xadrez. Entre os dois times, defesa e ataque, eles sabem de memória mais de 300 jogadas. Se você não entende estes momentos de espera, o esporte parece chato. É muito mais fácil compreender a ofensiva, mas para você compreender jogo de defesa, muito mais inteligente, você precisa ter assistido a várias temporadas. Para poder aproveitar esse esporte como torcida, há um treinamento: você precisa ter jogado na *high school* e/ou vivenciado aquilo por muitos anos.

REVISTA INTERIN - *Aí entra o papel pedagógico das mídias e da própria televisão.*

Sepp Gumbrecht - Sim, pedagógico no sentido de explicar o jogo. Quando levo amigos alemães, brasileiros, ingleses ao estádio para ver o Stanford jogar [futebol americano], eles não conseguem “entrar” no jogo. Não conseguem entender o que está acontecendo. Isso se reflete na torcida. Não estou dizendo que a torcida de futebol americano é mais ou menos humanizada ou desumanizada do que as de outros esportes. Há pesquisa empírica que afirma que o nível mais alto de inteligência em esportes coletivos é no futebol americano. Mais do que os outros esportes de *college*. Comparativamente ao futebol americano, o basquete é estrategicamente simples. Já o futebol brasileiro, alemão, inglês, tem algo de existencial, da intuição, do momento. Por exemplo, seria impossível dizer ao Romário para fazer a jogada 243. Ele era um gênio do espaço, mas não pensava em estratégia. O único jogador com genialidade espacial semelhante à de Romário foi o [Gerd] Müller, que em 1974 fez o gol decisivo da Alemanha contra uma seleção holandesa que era três vezes melhor. Müller estava lá no momento certo. Muitas vezes marcava gols com a bunda (risos). Eu vi o Müller na quarta liga, quando ele estava com vinte quilos de sobrepeso. Mesmo com uma barriga enorme, ele estava lá, marcando gols. O Müller não completou nem o ensino básico, assim como outro gênio, o Garrincha. Esses gênios do espaço, como diria Luiz Costa Lima, não caberiam no futebol americano. Não faz parte daquele esporte. O futebol tem uma fluidez existencial.

REVISTA INTERIN - *Excelente. Uma última pergunta. Costumo falar para quem me pergunta sobre materialidades da comunicação que o melhor livro para entender*

o conceito não é “Produção de Presença” (GUMBRECHT, 2010), que também acho excelente, só para deixar claro, mas “Elogio da Beleza Atlético”.

Sepp Gumbrecht - (Risos) Obrigado! Esse é de fato o meu livro mais vendido. A tradução coreana vendeu milhares de cópias. A Coreia do Sul talvez seja o país mais louco por assistir a esportes no mundo. Todos os esportes, sabia?

REVISTA INTERIN - *Não sabia. Interessante. Bem, o conceito [de materialidades da comunicação] me parece muito claro quando você fala sobre a necessidade de, ao assistir aos esportes, deixar as formas surgirem a partir dos corpos. Como se a presença dessa matéria fosse suficiente para que possamos pensá-las, apreciá-las, nos comunicarmos com elas.*

Sepp Gumbrecht - Eu acredito que o mérito acadêmico das materialidades da comunicação tenha sido a sua descontinuidade. Ninguém havia pensado muito na materialidade, nem na presença, que é o conceito que vem na sequência. Minha relação com as materialidades é mais complexa. Eu tive uma relação muito complicada com o meu orientador, que era um campeão da hermenêutica. Sem dúvida, as materialidades da comunicação foi uma reação quase freudiana, eu queria ir contra a hermenêutica. Hoje, falando de maneira retrospectiva, o que gostaria de sublinhar é que a pós-hermenêutica não é uma revolução no sentido de esquecer o outro lado. Não tenho nada contra a hermenêutica. Por exemplo, falamos sobre assistir a esportes pela televisão. Até em uma torcida não há como evitar atribuições de sentido. Você precisa distinguir o time amarelo do azul, arquirrival do Dortmund [Schalke 04].

Neste momento estou escrevendo um livro sobre voz, não como mídia de articular significados, mas como o grão da voz. O grão da voz é interessante porque, ao falar, é inevitável articular um significado para compreender a troca intelectual. Ao mesmo tempo, a tonalidade das nossas vozes é a condição material da nossa conversa. Uma condição da energia, do ritmo. Se você tivesse voz feminina, como meu pai – e note que não é preciso falar de gênero ao falar de vozes femininas – a nossa conversa seria diferente. As duas dimensões, hermenêutica e pós-hermenêutica, estão em uma relação muito complexa. Se você vai recitar um poema, tem significado e prosódia. Hoje em dia me interessa intelectualmente menos a presença e mais como as duas dimensões estão interagindo no “nu” da voz. O impacto que as ondas da minha voz

causam em seu corpo, mesmo em condições mediadas. Ao mesmo tempo, esse impacto articula um sentido. Pode ser que minha voz seja muito antipática para você. São dimensões diferentes, inseparáveis. Nas ciências humanas, parece que estão tão estabelecidas as ideias de materialidades da comunicação e de presença que, às vezes, ouço pessoas explicando estes conceitos sem conhecerem a minha obra. Não acho um problema, pelo contrário. É um grande triunfo, né? Criar algo tão novo que se destaca de você... O que acho interessante para pesquisas futuras não é mais a materialidade, a pós-hermenêutica, mas como se relacionam aquelas duas dimensões. Obviamente, é superdifícil de pesquisar. Provavelmente vou morrer sem ter resolvido esse problema, mas acredito que a pesquisa em ciências humanas do futuro deveria focar nesta questão.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da Beleza Atlética**. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Crowds: The Stadium as a Ritual of Intensity**. Stanford: Stanford University Press, 2021.
- HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. (Org.). **Esporte e Mídia: Novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2015.
- TELLES, Marcio. **A Recriação dos Tempos Mortos do Futebol pela Televisão: molduras, moldurações e figuras televisivas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- TELLES, Marcio. O rosto do craque: fascínio da teletransmissão esportiva. In: HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. (Org.). **Esporte e Mídia: Novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2015, p. 95-118.

Recebido em: 14/12/2022
Aceito em: 14/12/2022